

LEITURA

Leia o seguinte poema.

Não me chames estrangeiro

- 1 Não me chames estrangeiro, só porque nasci muito longe
ou porque tem outro nome essa terra donde venho.
Não me chames estrangeiro porque foi diferente o seio
ou porque ouvi na infância outros contos noutras línguas.
- 5 Não me chames estrangeiro se no amor de uma mãe
tivemos a mesma luz nesse canto e nesse beijo
com que nos sonham iguais nossas mães contra o seu peito.
Não me chames estrangeiro, nem perguntes donde venho;
é melhor saber onde vamos e onde nos leva o tempo.
- 10 Não me chames estrangeiro, porque o teu pão e o teu fogo
me acalmam a fome e o frio e me convida o teu tecto.
Não me chames estrangeiro; teu trigo é como o meu trigo,
tua mão é como a minha, o teu fogo como o meu fogo,
e a fome nunca avisa: vive a mudar de dono.
- 15 E chamas-me tu estrangeiro porque um caminho me trouxe,
porque nasci noutra terra, porque conheço outros mares,
e parti, um dia, de outro porto...
mas são sempre, sempre iguais os lenços da despedida
iguais as pupilas sem brilho dos que deixámos lá longe,
- 20 os amigos que nos chamam, e também iguais os beijos
e o amor dessa que sonha com o dia do regresso.
(...)

Não me chames estrangeiro, que é uma palavra triste,
que é uma palavra gelada, e que cheira a esquecimento
e cheira também a desterro.

- 25 Não me chames estrangeiro: olha o teu filho e o meu
como correm de mãos dadas, até ao fim do caminho.
(...)
Não me chames estrangeiro; olha-me nos olhos
muito para lá do ódio, do egoísmo e do medo,
e verás que sou um homem, não posso ser estrangeiro.

Rafael Amor



Rafael Amor é um músico argentino nascido em Buenos Aires, em 1948. No âmbito da sua carreira artística, passou alguns períodos em Espanha, tendo gravado, neste país, em 1976, o álbum “No me llames extranjero” (“Não me chames estrangeiro”), no qual se encontra a canção com o mesmo nome.

VOCABULÁRIO

vive a (v. 14): está constantemente a; **pupilas** (v. 19): meninas dos olhos, parte central dos olhos (por extensão, olhos); **gelada** (v. 23): fria, cruel; **desterro** (v. 24): exílio, deportação.

Sobre o texto

1. Ao longo do poema, são apresentadas duas perspectivas em relação à figura do “*estrangeiro*”: a primeira destaca as diferenças entre este e as pessoas nativas; a segunda realça aquilo que entre eles é semelhante/ igual.

1.1. Sintetize os aspetos referidos para consubstanciar a primeira perspectiva, comprovando com excertos do poema.

1.1.1. Indique a quem corresponde esta perspectiva.

1.1.2. Refira a pessoa gramatical que remete para aquele(s) que concorda(m) com ela e transcreva exemplos do texto.

1.2. Identifique agora os argumentos que sustentam a segunda perspectiva, comprovando com excertos do poema.

1.2.1. Indique a quem corresponde esta perspectiva.

1.2.2. Identifique qual a pessoa gramatical que remete para aquele(s) que concorda(m) com ela e transcreva exemplos do texto.

1.2.3. Explícite o sentido da seguinte frase, relacionando-a com este segundo ponto de vista: “*a fome nunca avisa: vive a mudar de dono*” (v. 14).

1.2.4. Transcreva as palavras/ expressões que o sujeito poético utiliza para caracterizar a palavra “*estrangeiro*” e explícite a sua expressividade.

2. Nos últimos cinco versos do poema, o sujeito poético faz duas interpelações diretas ao seu interlocutor, introduzidas por “*olha*”/ “*olha-me*”.

2.1. Explique, por palavras suas, em que consistem essas interpelações.

3. Sintetize a mensagem que o sujeito poético pretende transmitir ao longo do poema.

Para além do texto

1. Leia os seguintes dois Artigos da *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*, cujo excerto foi analisado anteriormente.

Artigo 2.º

1. Esta Declaração considera que, nos casos em que diferentes comunidades e grupos linguísticos coabitam num mesmo território, o exercício dos direitos formulados nesta Declaração deve reger-se pelo respeito entre todos e dentro das máximas garantias democráticas.

Artigo 4.º

1. Esta Declaração considera que as pessoas que se deslocam e fixam residência no território de uma comunidade linguística diferente da sua têm o direito e o dever de manter com ela uma relação de integração. Por integração entende-se uma

socialização adicional destas pessoas por forma a poderem conservar as suas características culturais de origem, ao mesmo tempo que compartilham com a sociedade que as acolhe as referências, os valores e os comportamentos que permitirão um funcionamento social global, sem maiores dificuldades que as experimentadas pelos membros da sociedade de acolhimento.
2. Por outro lado, esta Declaração considera que a assimilação — entendida como a aculturação das pessoas na sociedade que as acolhe, de tal maneira que substituam as suas características culturais de origem pelas referências, pelos valores e pelos comportamentos próprios da sociedade de acolhimento — em caso nenhum deve ser forçada ou induzida, antes sendo o resultado de uma opção plenamente livre.

1.1. Defina, por palavras suas, os conceitos de **integração** e **assimilação**.

1.2. Esclareça a posição assumida na *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos* no que se refere à integração/ assimilação de estrangeiros nas sociedades de acolhimento.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

Adjetivo: casos particulares de flexão em grau

O grau do adjetivo já foi abordado (cf. Manual do Aluno do 10.º Ano, pp. 109-110).

Há, no entanto, determinados **adjetivos** que:

A) apresentam uma forma diferente para o comparativo e o superlativo;

Grau normal	Grau comparativo de superioridade	Grau superlativo relativo de superioridade	Grau superlativo absoluto sintético
bom	melhor	o melhor	ótimo (boníssimo)
mau	pior	o pior	péssimo (malíssimo)
grande	maior	o maior	máximo (grandíssimo)
pequeno	menor	o menor (o mais pequeno)	mínimo (pequeníssimo)

B) na formação do superlativo absoluto sintético se mantêm próximos do étimo latino.

Terminação do adjetivo	Formação do superlativo	Grau normal	Grau superlativo absoluto sintético
-	-érrimo	áspero célebre livre pobre	aspérrimo celebérrimo libérrimo paupérrimo
-	-ílimo	fácil difícil humilde	facílimo dificílimo humílimo
-z	-íssimo	atroz	atrocíssimo (porque reassumem a forma latina – “ <i>atrocis</i> ”)
		feliz	felicíssimo (“ <i>felicitas</i> ”)
		feroz	ferocíssimo (“ <i>ferocis</i> ”)
		veloz	velocíssimo (“ <i>velocis</i> ”)
-vel	-íssimo	amável terrível	amabilíssimo (“ <i>amabilis</i> ”) terribilíssimo (“ <i>terribilis</i> ”)
-ão		cristão	cristianíssimo (“ <i>christianus</i> ”)
outros casos	-íssimo	benévolo cheio comum geral frio feio maléfico sagrado sábio sério	benevolentíssimo cheiíssimo comuníssimo generalíssimo frigidíssimo feiíssimo maleficentíssimo sacratíssimo sapientíssimo seriíssimo ou seríssimo

Exercícios

1. Atente nas seguintes frases.

- a) “é melhor saber onde vamos e onde nos leva o tempo” (v. 9).
- b) A discriminação é um dos maiores problemas das comunidades emigrantes.
- c) As diferenças biológicas entre povos são mínimas.
- d) A *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos* faz ótimas recomendações.

1.1. Identifique o adjetivo presente em cada uma delas e o grau em que se encontra.

1.2. Reescreva as frases, colocando o adjetivo no grau normal.

2. Reescreva as seguintes frases, colocando o adjetivo no grau superlativo sintético.

- a) Há emigrantes oriundos de países muito pobres.
- b) Em Timor, as pessoas são muito amáveis para com os estrangeiros.
- c) A *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos* deve ter sido escrita por pessoas muito sábias.
- d) Os signatários da *Declaração* têm intenções muito nobres.
- e) Os objetivos da *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos* são muito difíceis de atingir.

GRUPO C

LEITURA

Leia atentamente o conto integral de José Eduardo Agualusa.

“Discurso sobre o Fulgor da Língua” in *Catálogo de Sombras*, José Eduardo Agualusa

Apontamentos de leitura	Texto integral
<p>Fulgor (título): energia, brilhantismo</p> <p>aliterações (l. 3): repetição de sons consonânticos na mesma frase/ verso, ou em frases/ versos sucessivos, para intensificação do seu sentido, conferindo também musicalidade e ritmo ao texto, gerando bons efeitos de imitação de sons conhecidos. Aqui, repete-se o som “f”</p> <p>cf. assonância (repetição de sons vocálicos, em sílabas tônicas de palavras distintas ou na mesma frase, para obter certos efeitos de estilo)</p> <p>Cruz e Sousa (l. 7): poeta brasileiro. (ver mais indicações na p. 165)</p> <p>Neste caso, a aliteração tem o objetivo de traduzir o sussurro do vento, através da repetição do som “v”.</p> <p>Fernando Pessoa (l. 12): poeta português. (ver mais indicações na p. 165)</p>	<p>1 O Velho Firmino rondava-nos vagamente por ali, sempre absorto, extraviado, soprando no ar ensopado misteriosas ladainhas. Eu via-o descer as escadas tropeçando em aliterações:</p> <p>«E fria, fluente, frouxa claridade</p> <p>5 Flutua como as brumas de um letargo.»</p> <p>Uma espécie de escuridão escapava-se dele, como de um abismo, enquanto declamava Cruz e Sousa:</p> <p>« Vozes veladas, veludasas vozes, volúpias dos violões, vozes veladas vagam nos velhos vórtices velozes dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.»</p> <p>10</p> <p>A Fernando Pessoa, esse, amava-o ainda com maior fervor. A ele e a toda a sua legião de heterónimos. Rezava-os:</p>

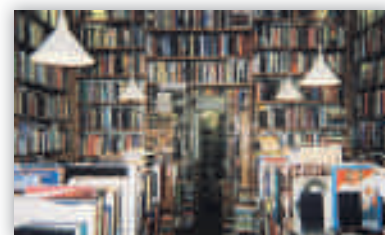
15 «Mas em torno à tarde se entorna
A atordoar o ar que arde
Que a eterna tarde já não torna!
E em tom de atoarda todo o alarde
Do adornado ardor transtorna
No ar de torpor da tarda tarde.»

No texto de Pessoa, encontramos a aliteração em “t” e “d”, consoantes oclusivas.

20 Eu deixava-me afundar no ar de torpor da tarda tarde. Estendia-me numa
das redes e logo caía num sonho rápido, em algum lugar ainda mais a Sul,
entre torrentes de água fria, sob um céu nu e metálico, nalguma praia de
veludo refrescada pela brisa salgada do mar. Despertava minutos mais tarde,
encharcado em suor, louco de sede, sufocado por aquele ar de ácaros, saía pela
25 porta aos tropeções, cruzava a rua, e desfalecia de bruços no balcão do bar em
frente, implorando pelo amor de Deus uma cerveja estupidamente gelada.

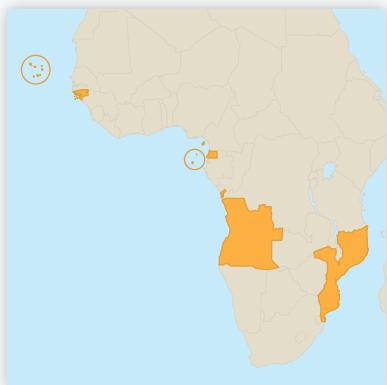
Chegara ali como um náufrago, de mochila às costas, e logo me
fascinara o improvável alfarrabista, ou sebo, nome mais comum no Brasil,
ocupando por inteiro os dois andares de um fatigado casarão colonial. Se
30 eu fosse alfarrabista, teria imenso trabalho para organizar a minha loja de
forma a que parecesse naturalmente desorganizada. Um alfarrabista
organizado, metódico, sugere-me algo vagamente monstruoso, capaz de
ofender a ordem natural das coisas, um pouco como um lagarto com
duas cabeças, um advogado ingênuo, um general pacifista. A maioria das
35 pessoas que frequentam alfarrabistas gostam de pensar que caminham
entre o caos, e que em meio àquele grave e silencioso tumulto podem, de
repente, tropeçar na primeira edição d’ *Os Lusíadas*, ao preço de um
romance de Paulo Coelho. Houve um tempo, romântico, em que essas
coisas podiam realmente acontecer. Um tempo em que os alfarrabistas
40 ainda respeitavam a desordem. Os novos profissionais desta área são,
desgraçadamente, muito bem informados e ainda mais bem organizados.
No sebo do Velho Firmino Carrapato, porém, a desordem era legítima e
muito antiga. Três gerações de Carrapatos haviam contribuído com o seu
demorado labor para aquele esplêndido caos. Os livros multiplicavam-se,
45 empilhados pelo chão, ou desalinhados por metros e metros de incertas
estantes em alumínio, sem outra lógica que não fosse a da sua chegada
ali. O Velho Firmino dispusera cinco ou seis redes amarradas às colunas,
junto às largas portadas abertas para a rua, de forma que era possível
folhear os livros com alguma comodidade, rezando para que a brisa da
50 tarde fosse capaz de abrandar o calor, sim, mas não forte o suficiente

alfarrabista (l. 28): pessoa que coleciona e/ou negocia livros antigos ou usados; **sebo** (l. 28): palavra usada na variedade brasileira do Português para “alfarrabista”



Os Lusíadas (l. 37): obra poética do escritor Luís Vaz de Camões (1524–1580), considerada a epopeia portuguesa por excelência **(ver mais indicações na p. 165)**

Paulo Coelho (l. 38): escritor brasileiro (1947-) **(ver mais indicações na p. 165)**



PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

“falam pelos cotovelos” (ll. 63-64): frase idiomática que pertence a um conjunto de muitas que utilizam partes do corpo. Significa “falar muito”.

“dei o braço a torcer” (l. 67): frase idiomática que pertence a um conjunto de muitas que utilizam partes do corpo. Significa “admitir, ceder”.

Agostinho da Silva (l. 78): filósofo, poeta e ensaísta português (1906–1994)
(ver mais indicações na p. 165)

para transformar em irremediável pó, pura poeira erudita, os papéis antigos.

Firmino gostava de mim. Estranhara ao princípio o meu sotaque – de onde vinha eu? Angola?! –, olhara-me perplexo:

55 «Na África?! E lá falam português? ... »

Disse-lhe que sim, que falávamos português, tal como muita gente em Moçambique, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor, e, é claro, em Portugal. Não, isso não, contestou o velho, em Portugal não. Os portugueses já mal falam português. Na verdade, acrescentou, nem sequer se pode dizer que
60 falem, isso carece de demonstração. Ele vira, meses atrás, um filme português e não compreendera uma única palavra. Os atores emitiam uns vagos murmúrios, mantendo a boca fechada, como se fossem ventríloquos, com a diferença de que os bons ventríloquos falam pelo próprio umbigo, ou o alheio, falam pelos cotovelos, falam inclusive pela boca fechada de um português, e sempre com
65 relativa clareza. Argumentei, já um pouco irritado, que isso tinha a ver com a deficiente qualidade técnica do som dos filmes portugueses, bem como, é certo, com a má dicção de alguns dos atores, e depois dei o braço a torcer, e concordei que sim, que os filmes portugueses deviam ser exibidos com legendas, não apenas no Brasil mas também em Portugal. Estávamos nisto quando, sereno
70 como um milagre, entrou na loja um português. Era um homem franzino, e no entanto sólido e elegante, com o crânio rapado, uma barbicha rala, bem desenhada, uns óculos de aros redondos, em prata, que deviam ser herança de algum remoto antepassado.

«Boa tarde! Posso entrar?»

75 Também ele falava sem abrir a boca, mas parecia simpático, de forma que o chamei, apresentei-lhe o alfarrabista, e em breves palavras dei-lhe conta da nossa querela. Um pequeno clarão iluminou os óculos do português e ele sorriu. A questão recordava-lhe uma tese que Agostinho da Silva defendera. Talvez a tese de Agostinho nos parecesse um tanto bizarra e sem suporte
80 científico – mas era poética. Disse isto e ficou muito sério:

«A poesia acerta mais do que a ciência. Na natureza, por exemplo, a beleza é utilitária, isto é, não existe no universo fulgor sem serventia. Se os cientistas fossem à procura da beleza ao invés da funcionalidade chegariam mais depressa à funcionalidade.»

85 Segundo Agostinho da Silva, as línguas afeiçoam-se às geografias que colonizam. Num horizonte amplo, desafogado, o sotaque é mais aberto, e numa paisagem fechada ele tende a fechar-se. Assim, no Brasil, em Angola ou em Moçambique as pessoas falam a nossa língua abrindo mais as vogais, e nos Açores, na Madeira, em Portugal continental, mas também em Cabo Verde, fecham-nas.

90 Foi assim, através da poesia, que o português conquistou o árduo coração de Firmino Carrapato. Naquela tarde fossou tranquilamente pelos salões, sem pressa, não hesitando em desfazer e refazer as pilhas poeirentas. Quando a luz já começava a declinar, chamou o velho. Firmino foi estudando com vagar os livros que o português escolhera. Lia alto o título, via o estado da lombada, sopesava-
95 -os. Um deles, um grosso volume ricamente encadernado, pareceu intrigá-lo:

«*Discurso sobre o Fulgor da Língua?* Foi um doutor daqui, do Maranhão, que escreveu isso, mas nunca ninguém o leu. Tem a certeza que quer levar?»

O português assentiu com a cabeça. O velho murmurou qualquer coisa (pareceu-me reconhecer um verso de Pessoa) e depois encolheu os ombros:

100 «Tá bom. Esse eu ofereço...»

Uma semana depois dei com o português sentado num bar de rastafáris. Estava feliz como um rio. Antes que eu lhe perguntasse alguma coisa, mostrou-me um papel:

«Quem achar este bilhete queira por favor dirigir-se ao meu advogado,
105 em São Luís do Maranhão, com o exemplar do livro onde o encontrou.»
Vinha depois o nome e o endereço do advogado.

O português sorriu:

«Você não vai acreditar: herdei um casarão em Alcântara!»

O bilhete fora escrito pelo autor do grosso volume que o Velho Firmino
110 lhe oferecera. O infeliz falecera anos atrás, desiludido com a desatenção do mundo, mas não sem antes ter redigido um testamento em que doava o palacete da família a quem quer que provasse ter comprado e lido o seu único livro. O português exultou:

«E sabe uma coisa? O livro é bom!»

Açores (l. 88): oficialmente designados por Região Autónoma dos Açores, os Açores são um arquipélago transcontinental e um território autónomo da República Portuguesa, situado no Atlântico nordeste;

Madeira (l. 88): arquipélago que constitui uma das regiões autónomas de Portugal, oficialmente designada por Região Autónoma da Madeira.

Maranhão (l. 96): uma das 27 unidades federativas (estados) do Brasil.

São Luís do Maranhão (l. 105): capital do estado do Maranhão

Alcântara (l. 108): município do estado brasileiro do Maranhão